

DF - Saúde

HFA ameaça fechar portas

Direção luta pela autogestão para garantir a sobrevivência e utilidade do hospital

João Carlos Henriques

O Hospital das Forças Armadas (HFA) corre o risco de fechar as suas portas até o final deste ano caso não seja aprovado, pelo Congresso Nacional, um projeto que vai possibilitar sua autogestão. Esse diagnóstico sombrio é do próprio diretor do Hospital, o brigadeiro médico Flávio Rizzo Braga. O projeto se encontra no momento na Consultoria Jurídica do Estado-Maior das Forças Armadas. Deverá ser encaminhado nos próximos dias à Presidência da República e depois ao Congresso Nacional.

Inaugurado em 1972 pelo então presidente Emílio Médici, em plena era do "milagre econômico", o HFA tinha, na ocasião, 2 mil e 400 funcionários e 400 leitos ativos. Vinte anos depois, o hospital funciona com 1 mil 100 servidores e apenas 100 leitos são utilizados. Na verdade, o HFA está totalmente subutilizado.

Cinco dos 12 andares do imponente hospital estão fechados. Ao contrário dos demais hospitais, do País, o HFA só funciona pela manhã. No período da tarde ficam de "prontidão" apenas o setor de emergência e o de oftalmologia. Apesar da falta de material humano, o HFA continua impecável. Até mesmo os andares fechados são mantidos limpos e prontos a entrar em funcionamento a qualquer momento.

Salvação

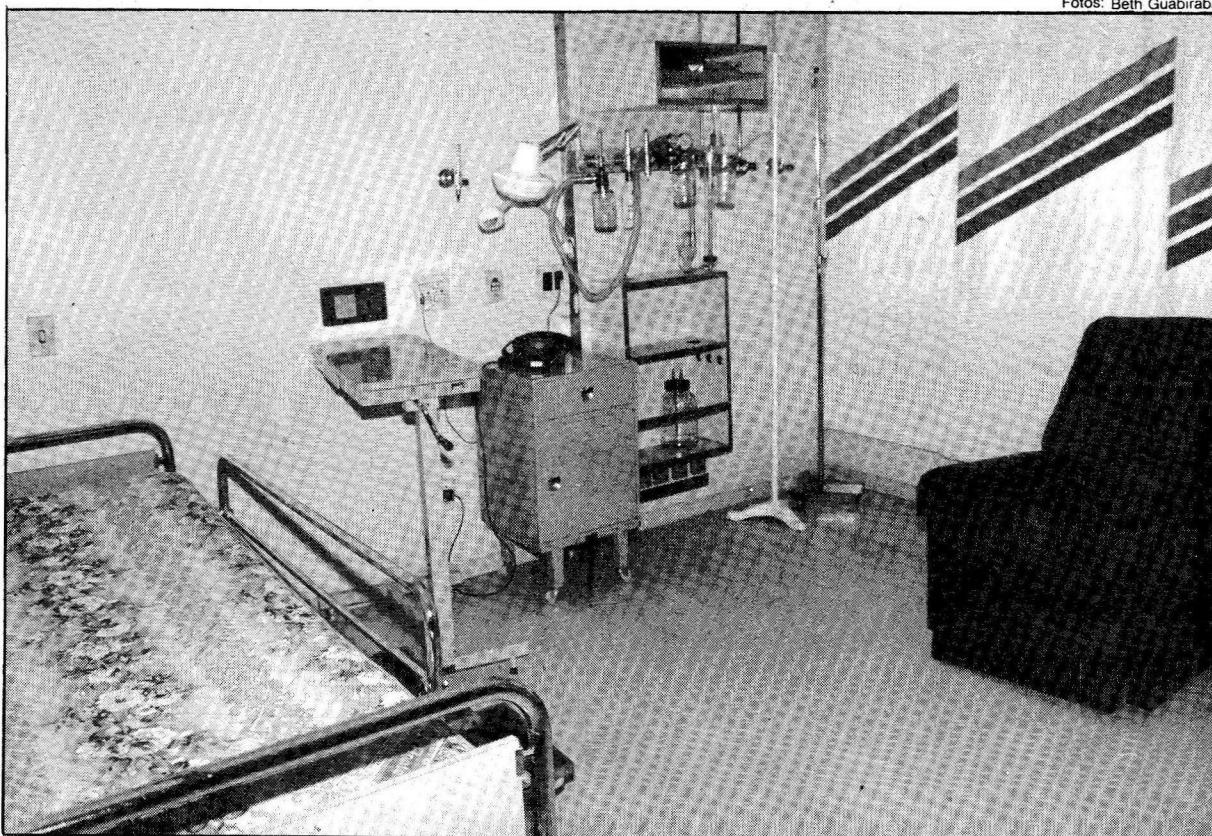
"A salvação do hospital está na aprovação desse projeto", diz o brigadeiro Rizzo, acrescentando que através da autogestão se poderá gerar recursos e se realizar concursos públicos para a admissão de novos funcionários. Isso porque estão proibidas contratações. A idéia, segundo o diretor, é transformar o HFA em algo semelhante ao Hospital Sarah Kubitschek, ou seja, em um ponto de referência de medicina terciária.

Mesmo em crise, o HFA tem dado, nos últimos tempos, demonstrações de que pretende sair, o quanto antes, da UTI. Um exemplo claro foi a chegada, há quase três meses, do cirurgião cardíaco Alexandre Brick, professor universitário da equipe do professor Zerbine. Há 12 anos não se fazia uma cirurgia cardiovascular no HFA. Nos últimos três meses, foram feitas 18 cirurgias, sendo que a última foi a de implantação de cinco pontes de safena em um coronel do Exército.

Presidente

O HFA mantém uma ala, no décimo andar, destinada ao atendimento do Presidente da República, que poderá também ser utilizada por ministro de Estado, embaixador estrangeiro e autoridade eclesiástica. O HFA foi um dos hospitais escolhidos para atender, se necessário, o presidente dos Estados Unidos, George Bush, durante sua visita ao Brasil, em 1990.

De acordo com o brigadeiro Rizzo, o importante para o HFA é se criar um modelo administrativo que libere a contratação de recur-



Embora desativadas por falta de pessoal, o HFA mantém suas instalações prontas a funcionar



Brigadeiro Flávio Rizzo, diretor do HFA, faz um diagnóstico sombrio, mas espera soluções

sos humanos. É, também importante, que se possa pagar bem. "Queremos médicos trabalhando em tempo integral, sem outros empregos", disse ele, lembrando que hoje em dia os médicos são mais motoristas do que médicos. "Têm cinco empregos e ficam dirigindo de um emprego para o outro", comentou Rizzo Braga.

A intenção é abrir mais ainda o

hospital para a comunidade do DF, integrando o HFA à rede pública de saúde. Além de militares e suas famílias, o hospital atende a Presidência da República e está fazendo convênios com outros órgãos, como o Ministério das Relações Exteriores, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Corpo de Bombeiros do DF, Tribunal Superior Eleitoral, Associação dos Procuradores da República e outros.

Para o brigadeiro Rizzo, "é um absurdo um hospital desse padrão estar quase parado". Segundo ele, o HFA tem condições de se tornar um ponto de referência de cirurgia cardíaca no DF, bem como de cirurgia de coluna, urológica e outras especialidades. "Não se admite que uma capital federal não tenha um ponto de referência cardiovascular e podemos ter aqui um modelo padrão", frisou o brigadeiro.

Fotos: Beth Guabiraba